

O POPULAR E O ERUDITO NO DICIONÁRIO TUCANO: O BESTIÁRIO TUCANÊS

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará

Resumo: *Este trabalho se propõe fazer uma análise de provérbios e expressões populares da Língua Portuguesa no Brasil, “reescritos” numa linguagem erudita e rebuscada, desencadeando o humor e o riso.*

Palavras -Chave: *Linguagem Popular - Linguagem Erudita - Dicionário de Humor*

Abstract: *The purpose of this work is to make an analysis of the proverbs and expressions of the Portuguese language in Brazil, re-written in a standard language that brings humor and laugh.*

Key-Words: *Popular Language - Standard-Language - Humor dictionary*

Introdução

Este trabalho se propõe fazer uma análise de provérbios e expressões populares da Língua Portuguesa no Brasil, “reescritos” numa linguagem erudita e rebuscada, desencadeando o humor e o riso.

Os exemplos utilizados são retirados da coluna do jornalista José Simão, publicada diariamente no jornal **Folha de S. Paulo** e em diversos outros jornais do país, no período de agosto a dezembro de 2001, num total de 117 colunas, e colocados no **site** UOL News - Monkey News, com o título de **Dicionário tucano. O bestiário tucanês**, com 134 verbetes.

O jornalista, através de seu personagem, o Macaco Simão, lista, analisa e comenta a reescrita de provérbios, expressões e frases, feita de forma rebuscada, típica de políticos, ministros e seguidores do PSDB, partido político brasileiro, cujo símbolo é um tucano.

O fato desses provérbios, expressões e frases já estarem incorporados à linguagem coloquial e popular e sua reescritura ocorrer em linguagem erudita, dá ao texto o seu caráter humorístico e crítico, que caracteriza as colunas do José Simão.

1. Linguagem Erudita e Linguagem Popular

Linguagem erudita e linguagem popular são dois aspectos da variação sociolinguística relacionados à classe social, ao nível de escolaridade dos usuários como também ao registro utilizado em cada situação de comunicação. São, portanto, socioletos. A sociolinguística analisa essa variação vendo, em cada tipo, as estruturas linguísticas utilizadas e, nelas, a relação entre a linguagem e o grupo social que a fala naquele momento específico, mostrando, a seguir, o que distingue uma variante da outra.

A base para a distinção entre linguagem erudita e popular é o *status* social e o grau de escolaridade dos falantes. A esse respeito Preti (1972, pp. 26-27) diz que o *dialecto culto*,

ou linguagem erudita é o de maior prestígio, reflete o nível de cultura do falante, é o usado na literatura e se constitui na *língua padrão*. Enquanto que a linguagem popular é de menor prestígio, é mais informal, é usada em situações coloquiais por falantes de baixo nível de escolaridade. É considerada “preconceituosamente” como sub-padrão.

Os itens analisados: provérbios, expressões e frases feitas são, tradicionalmente, de linguagem popular, simples, sem vocabulário especializado, produzidos e transmitidos oralmente, enquanto que a reescrita atende aos parâmetros da linguagem culta: sintaxe complexa, vocabulário amplo, falantes cultos e de prestígio.

Labov ao tratar do problema da linguagem popular e erudita mostra que não há, como pensava Bernstein, um código restrito e um elaborado que diferenciaria os dois tipos de linguagem, mas, diz ele, a diferença reside no estilo utilizado, sendo que a linguagem popular, de pessoas menos escolarizadas e de classe social mais baixa, tem uma grande concisão, limpeza verbal e maior rapidez, enquanto que a linguagem erudita, de pessoas de classe social mais elevada e mais escolarizadas é complexa, com superabundância de palavras e com mistura expressiva. O autor dá a esse estilo de linguagem o nome de “verbosidade”.

Vê-se, em Labov, a não existência de preconceito quanto à linguagem popular, mas, pelo contrário, para ele, em termos de comunicação, a linguagem popular é de muito mais fácil e rápido entendimento.

É sobre essa “verbosidade” citada por Labov, que José Simão centra suas críticas, na reescrita da linguagem popular para a erudita, feita inicialmente por políticos do PSDB e posteriormente pelo próprio Simão, criando, conseqüentemente, os efeitos de humor.

Seu **Dicionário tucano. O bestiário tucanês**, que é aumentado quase que diariamente com novas entradas, lista as formas rebuscadas e até pedantes, como os tucanos tentam dificultar o entendimento do grande público ou mostrar erudição ao dizer coisas corriqueiras e de fácil apreensão pela maioria do povo brasileiro.

2. Léxico, Sintaxe e Semântica do Humor

A análise do material produzido pelos “tucanos” e recolhido por José Simão, tem a mesma base semântica, já que o significado permanece inalterado. O que se modifica é a utilização de um léxico diferenciado e a construção da estrutura sintática das frases, criando os efeitos do humor.

O léxico representa o conjunto de unidades que constituem a língua de uma comunidade, atividade humana ou locutor, em cada momento de sua fala e corresponde à realidade extra-lingüística que cerca esse falante.

O léxico de uma língua não pode ser reduzido a um simples vocabulário, ou seja, a uma lista de palavras. Deve ser estudado de forma autônoma, independentemente de qualquer contexto particular, isto é, através das formas cristalizadas da língua, tais como as

palavras isoladas, conjunto de expressões marcadas pelo funcionamento gramatical e mantidas pelo uso coletivo: locuções fixas, idiotismos, provérbios, entre outros.

Quanto à sintaxe, há autores que trabalham com a noção de uma sintaxe social, que seria a ambientação social que envolve a frase.

Falando a propósito da sintaxe social Gállego (1978, p. 160) diz:

La frase recorre el contexto social y coloca cada mecanismo gramatical en un sitio, sensibiliza su propio alrededor y hasta da lugar a un sinfín de sorpresas ...

Para este autor, o contexto extra-lingüístico, sócio-econômico-cultural, determina o tipo de frase produzida e, conseqüentemente, o sentido que se dá à essa frase. (1978, p. 163):

Assim, a frase, como unidade sintática, estaria sujeita às variações sócio-econômico-culturais do falante que a produz. No caso da reescrita dos provérbios, frases, feitas e outras formas de linguagem popular, o contexto extra-lingüístico das autoridades que as produziram, determinaram sua forma erudita, rebuscada, pouco comunicativa, com o objetivo de dificultar seu entendimento pelo grande público, além de tentar, também, esconder todas as intenções que estão por trás do que foi dito.

No caso em estudo, como a reescrita dos itens analisados não muda basicamente o sentido do que já era conhecido e estabelecido pelo conhecimento e sabedoria populares, o que há é uma nova reconceptualização através do léxico mais amplo e mais sofisticado e da estruturação diferente da frase, dando-lhe seu caráter de humor, muito explorado por José Simão.

A análise aqui realizada não pretende se estender além dos aspectos lingüísticos (léxico-sintático) e sociolingüísticos (linguagem culta x linguagem popular).

3. Análise do *Corpus*

Para esta análise dividimos o corpus em duas áreas temáticas, provérbios e frases e temas ligados ao Presidente, a Ministros e ao governo, a fim de facilitar a leitura e análise do material.

3.1. Provérbios e Frases Feitas

- A porca torce o rabo > **A esposa do suíno contorce o tendão caudal**
- A vaca foi pro brejo > **Sentido do caminhar adotado pela fêmea de bovino em direção de região plana contendo lâmina de água de 0,3 a 1,5m**
- Cavalo dado não se olha os dentes > **Bucéfalo de oferenda não se perquire a conformação odôntica**
- Chorar de barriga cheia > **Verter secreção lacrimal em plenitude gástrica**
- Conversa mole prá boi dormir > **Tertúlias flácidas para bovino conciliar o sono**
- Tirar o cavalinho da chuva > **Retirar o filhote de eqüino da perturbação**

pluviométrica

- Nem que a vaca tussa > **Excluir a possibilidade de que a vaca venha a eximir espasmos pulmonares**

A reescrita dos provérbios e frases feitas baseia-se, na grande maioria, na utilização de um vocabulário erudito como *verter*, *flácido*, *perquirir*, às vezes arcaico, como no caso de *tertúlia* e *bucéfalo* e técnico, como *odôntica*, *espasmos pulmonares*, *perturbação9 pluviométrica*, *lâmina de água*, *tendão caudal*, *gástrica*.

No que diz respeito à estruturação das frases, sua sintaxe, também é mais complexa, como no exemplo: tirar o cavalinho da chuva: **Tirar**: Retirar...; **o cavalinho**: o filhote de equino...; **da chuva**: da perturbação pluviométrica.

São esses os fatores que desencadeiam o riso e o humor, uma vez que fogem à estrutura da linguagem popular, típica dos provérbios, caracterizada por *léxico mais restrito e simplificação sintática*.

3.2. Temas ligados ao Presidente, a Ministros e ao governo

- Aumento de tarifas de energia > **Compensação pecuniária às distribuidoras pelo déficit que enfrentam devido ao racionamento**
- Corte de energia > **Redução compulsória do consumo de energia elétrica**
- Demissão voluntária > **Eleição dos funcionários para não rescindir a ação contrária de declinar a inclinação inversa para não descontinuar o emprego na empresa**
- Desemprego > **Retracionismo na empregabilidade**
- Governar > **Processo de desorientação orientada, onde procura-se fazer o maior estrago possível através de uma desorganização aparente**
- Governar > **Passar o dia agradavelmente focando e falando mal dos outros no gabinete presidencial**

Uma das maiores fontes de elaboração dos verbetes do **Dicionário tucano o bestiário tucanês**, e, inicialmente, sua razão de ser, é a equipe do governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, seus Ministros e burocratas do segundo escalão, com sua linguagem empolada, com vocabulário erudito, rompendo o modelo de linguagem comum, do dia-a-dia do povo brasileiro. Foi a partir dessa linguagem que José Simão foi ampliando seu Dicionário, com verbetes próprios ou sugeridos por amigos e leitores.

Analisando tais verbetes percebe-se que embora ele utilize um vocabulário erudito, a base do humor recai na estrutura sintática das frases, que permite uma escamoteação do real sentido do que está sendo dito, dificultando o entendimento por parte do grande público e, em alguns casos, de pessoas cultas, mas não especializadas em matérias econômico-financeiras ou técnicas.

A própria definição de **tucanar**, dada por José Simão mostra bem o que representa lingüisticamente o conceito por ele elaborado.

Vejam os:

Tucanar: Formalizar declarações fazendo com que os sentidos das mesmas se tornem inócuos, utilizando recursos dialéticos que vão do barroco mineiro ao rococó francês. (Macaco Simão, 25/10/2001)

Tomemos, por exemplo o verbete **Aumento de tarifas de energia**. Para não usar a palavra *aumento*, que criaria problemas para o governo, foi usado um vocabulário erudito e técnico, como *compensação pecuniária*, *déficit*, *acionamento*, que impediria a revolta imediata dos consumidores de energia elétrica, se lessem, por exemplo, *governo aumenta tarifa de eletricidade*. Assim, os burocratas tucanos preferiram chamar aumento de tarifa de energia: **compensação pecuniária às distribuidoras pelo déficit que enfrentam devido ao acionamento**.

Já José Simão seguindo a mesma técnica dá a definição de **governar** como: **Processo de desorientação orientada, onde procura-se fazer o maior estrago possível através de uma desorganização aparente**, criticando o fato de que o governo tucano, em alguns momentos desorienta ou desgoverna mais do que orienta ou governa, com suas indecisões, por estar sempre “em cima do muro” e com isto causar mais mal do que bem ao país e ao povo brasileiro.

A forma lingüística utilizada é a de verbete, com definição, que não envolve a entrada do verbete, o vocábulo em si, mas usa uma estrutura sintática que, por sua vez, lhes dá uma conotação negativa, humorística, amarga, porém, em muitos casos, verdadeira, o que desencadeia o riso e o humor.

Conclusões

Ao trabalharmos com a coluna de José Simão, com seu personagem o Macaco Simão, escolhemos o seu chamado **Dicionário tucano, o bestiário tucanês**, por ver nele uma das formas mais interessantes de elaboração de dicionário e por trabalhar o autor com o jogo entre a linguagem popular e a erudita, baseado na chamada linguagem dos tucanos, ou membros do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), ao qual pertence o atual Presidente da República do Brasil, Sociólogo Fernando Henrique Cardoso, alguns de seus Ministros e membros do segundo escalão, que usam uma linguagem erudita, empolada, com léxico elaborado e uma sintaxe complexa, para falar de coisas simples e corriqueiras, a fim de dificultar o entendimento e ocultar, muitas vezes, o real significado do que querem dizer.

José Simão tomou essa linguagem como modelo e, a partir daí, vem fazendo seu Dicionário, acrescentando-lhe novos verbetes quase que diariamente em suas colunas. O autor, em suas definições e nas transcrições do que foi dito pelos “tucanos”, mostra o ridículo dessa reescrita e sua conseqüente releitura, desencadeando o riso e o humor em seus leitores.

Vimos que, dependendo do tipo de entrada de verbete que se esteja analisando, há mais a predominância ora do léxico mais amplo, erudito e elaborado, ora são as construções

frasais que são modificadas para dar o significado final do que se quer dizer.

O resultado dessa passagem da linguagem popular, simples, direta, objetiva, para uma linguagem empolada, pedante, é, como bem define Simão, um misto de *barroco mineiro e rococó francês*, mostrando o ridículo de tal linguagem, desencadeando com isso, o riso e o humor de seus leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. **Achados chistosos da psicanálise na escrita de José Simão**. São Paulo: Escrita/EDUC-PUC-SP, 1998.

ALVES, Ieda M. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 1990.

GÁLLEGO, Candido P. **Sintaxis social**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1978.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

PRETI, D. **Sociolingüística - os níveis de fala**. São Paulo: Nacional, 1972.

SIMÃO, José. **No cipó das onze**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

_____. **Dicionário tucano**. O bestiário tucanês. UOL News. Monkey News.

_____. Colunas do jornal **Folha de S. Paulo**. São Paulo: agosto a dezembro de 2001.

SOUZA, Adriana M. M. de. **Acrônimos e efeitos de humor em José Simão**. Fortaleza, 2001. Dissertação (Mestrado) - UFC.